



GT 25. Corpo, gênero e sexualidade: presenças, ausências e urgências em tempos de retrocesso

Coordenador(es):

Mônica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Silvana de Souza Nascimento (USP - Universidade de São Paulo)

Esta proposta busca mapear pesquisas situadas no diálogo entre os estudos de gênero, sexualidade, corpo e saúde. Partimos do pressuposto de que vivemos um contexto paradoxal. Por um lado, a expansão da produção têm possibilitado complexificar o conhecimento sobre relações de gênero, práticas sexuais, normatividades, sociabilidades, territorialidades, corporeidades, colaborando para uma resistência acadêmica à reprodução de formas de desigualdade estruturais e arcaicas na sociedade brasileira. Por outro lado, o avanço do neoconservadorismo e a ofensiva neoliberal ameaçam direitos sexuais e reprodutivos, provocam o desmonte do Estado e fragilizam as condições para a produção de conhecimento nas questões ligadas a gênero e sexualidade. Urge refletir sobre qual tem sido nossa agenda de pesquisa, que temas têm nos mobilizado e que assuntos têm tido menos espaço nos nossos fóruns de debate. Nesse sentido, o GT busca aglutinar trabalhos que nos ajudem a compreender práticas, identidades e saberes na contramão da heterocisnormatividade hegemônica, mas também modelos de heterossexualidade e masculinidade mais tradicionais, mainstream, ou até mesmo conservadores, que se colocam como força contrária à autonomia das mulheres e à defesa dos direitos humanos. As apresentações podem girar em torno de temas como contracepção, maternidade, aborto, HIV/Aids, diversidade sexual, transexualidade, transformações corporais, bissexualidade, mulheres lésbicas, relações raciais, entre outros.

Pai que fica, pai que vai : reflexões acerca da masculinidade, paternidade e deficiência

Autoria: Gabriela Rosa Dias de Freitas (UNB - Universidade de Brasília)

Entre os anos de 2015-2016, no Recife, o aumento incisivo dos números de crianças nascidas com a microcefalia associada à Síndrome Congênita do Vírus Zika (SCVZ), fez com que os olhares de diferentes campos científicos se voltassem para elas, inclusive a Antropologia. Em vários dos estudos etnográficos publicados, que refletem acerca dos impactos provocados pelo Zika Vírus (ZV), é muito corriqueiro encontrar nos relatos das "mães de micro" - termo do qual elas próprias criaram - a menção ao abandono paternal, tal qual é uma realidade bastante comum entre elas. Para além disto, muitos homens neste cenário são aludidos como agressores domésticos e também, os acusantes sobre os corpos femininos serem os responsáveis pela doença que acometeu suas/seus filhxs. Neste sentido, o work a ser apresentado tem como objetivo discutir as divisões de papéis e relações de gênero, no contexto da epidemia e do pós-epidemia do ZV. Ele buscará fazer a comparação entre duas histórias etnoficcionalizadas. Na primeira não haverá um pai, uma vez que ele abandonou sua esposa ao saber da notícia que teria um filho com a cabeça pequena. Já na segunda, estará presente a figura paterna e apontará a diferente visão das pessoas sobre o pai, haja vista que o homem que decide ficar, e ajudar nos cuidados dx sua/seu filhx é considerado herói nesta conjuntura da chegada de uma/um filhx com deficiência. É importante destacar que os dados etnográficos a serem utilizados nesta produção científica são frutos dos resultados da pesquisa coletiva realizada pelo grupo "Zika e microcefalia: Um estudo antropológico sobre os impactos dos diagnósticos e prognósticos das malformações fetais no cotidiano de mulheres e suas famílias em Recife/PE e Brasília/DF" coordenado pela Doutora e Professora Soraya Fleischer, desde 2016, na Universidade de Brasília.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: